

Qual a idade da pulsão? (reflexões metapsicológicas sobre o envelhecimento)

Juliana Lang Lima¹

“Os conceitos, pilares e fundamentos das teorias não conhecem diacronia: não envelhecem através do tempo, senão com o tempo, em sincronia. [...] São os pensadores que os fazem nascer e os nutrem ao sustentar e retomar.”
(Juan-David Nasio)

A história deste escrito teve início cerca de dez anos atrás, quando recebi para atendimento uma pessoa de 88 anos. Naquele momento, e também pelos anos que se seguiram, contava eu com uma clínica predominantemente jovem. Apesar do grande desejo de entrar em contato com uma imaginada demanda diferente, por vir de alguém tão mais velho que eu, perguntava-me se isso seria psicanálise. A dúvida parecia pertinente, oriunda de minhas frustradas pesquisas sobre relatos de análise com pessoas velhas e textos efetivamente psicanalíticos sobre a temática. Além disso, ainda teria que lidar com o rigor com que lia as recomendações freudianas que não indicavam análise para pessoas acima de 50 anos (FREUD, 1905 [1904]). Aqui cabe uma contextualização, ainda que evidente: ter 50 anos na Viena de 1904 não era o mesmo que ter 50 anos na Porto Alegre de 2010. Ainda assim, me pareceram grandes os desafios que estavam por vir.

O acompanhamento dessa analisanda sobreviveu às mudanças no calendário e se mantém até os dias de hoje, tendo provocado inúmeras reflexões ao longo

¹ Psicanalista, membro Pleno do CEPdePA. Membro do Instituto da SPBdePA.

desse período. Passado o momento inicial, com suas questões mais básicas, seguiram-se muitas outras discussões acerca da clínica do envelhecimento como objeto de estudo². Neste trabalho, tenho o intuito de realizar uma compreensão teórica acerca do movimento pulsional da velhice, com expectativa de esboçar uma resposta à seguinte pergunta: *a pulsão envelhece?*

Em publicações anteriores, sinalizávamos a escassez de publicações eminentemente psicanalíticas que se propusessem a aprofundar o tema do envelhecimento. Ainda que envelhecer seja algo que acontece de forma ininterrupta desde o dia em que nascemos, o velho, com seus conflitos e demandas muito peculiares, parece relegado, tanto pela cultura como pela própria psicanálise, a lugar de menor destaque. Se existe um movimento crescente em direção à clínica das psicoses, da infância e da adolescência, e até mesmo com bebês, a etapa final da vida ainda desperta rechaço ou, no mínimo, aparente desinteresse (LIMA; LEÃES, 2014; LIMA, 2016).

Partindo da mesma constatação, Gabriele Junkers (2013) organizou um livro ao qual deu o contundente título *O divã vazio*. Oriundo da participação da autora no Comitê de perspectivas psicanalíticas sobre o envelhecimento de analistas e analisandos, proposto pela Associação Internacional de Psicanálise (IPA) na gestão 2006/2007, o projeto busca lançar luz sobre este tema a partir do lugar do analista como um ser que, como todos os vivos, nasce, cresce, se reproduz e... morre. Considerando o assunto ainda um tabu, Junkers (2013) reúne em sua coletânea ensaios sobre temas concernentes à velhice, como adoecimento, aposentadoria e vida institucional, contando com a colaboração de autores que vivenciam na pele as agruras e as aquisições da idade e oferecem ao leitor suas reflexões, seus temores e suas vivências. Ao falar de castração desde o título de sua obra, a autora nos conecta com as perdas decorrentes da velhice, incluindo o analista nesse interjogo.

Pode ser que resida aí um dos motivos pelos quais a clínica com velhos é menos frequentemente tomada como objeto de interesse, pois tocar no tema da

2 Movimento que impulsionou a criação de um grupo de estudos nomeado “Os velhos e a psicanálise”, em que estreei como coordenadora ao lado da colega Carmen Muratore. O grupo vigorou no CEPdePA entre os anos de 2014 a 2016, mas o legado de Carmen se mantém vivo, de forma a tornar este escrito uma homenagem e um agradecimento.

passagem do tempo remete à finitude e aos limites aos quais somos todos submetidos. De um lado, bradamos que a experiência é uma boa companheira, que traz confiança em nossas teorias e segurança para sustentar o método. Dizemos que o inconsciente não envelhece e, portanto, pouco importa o tempo cronológico e a quantidade de material psíquico a ser trabalhada; se existe alguém que sofre, haverá demanda de análise. Ainda assim, a estudiosa do envelhecimento Ângela Mucida (2018) denuncia o fato de que grande parte dos analistas, mesmo que concordem com as afirmativas acima, não contam com sujeitos velhos em sua clínica.

Chegamos então a um dos pontos que pretendemos abordar, de que refletir sobre os efeitos da passagem do tempo está na ordem do dia, como uma espécie de mal-estar da cultura atual. Estranho paradoxo, pois, do ponto de vista biológico, nada mais certo do que conceber o envelhecimento como solução óbvia para o homem – a alternativa, morrer jovem, parece pior, afinal. Pensar sobre o intrapsíquico, contudo, nos leva a revisitar um dos pilares da teoria psicanalítica, sede de inúmeras abstrações: a teoria das pulsões. Ao mesmo tempo que nos propomos a trabalhar esse conceito fundamental, buscamos mais do que isso; almejamos salientar a atualidade e a potência do pensamento freudiano, de acordo que estamos com a afirmação de que “sem Freud não se vai a lugar nenhum em psicanálise” (MEZAN, 2017, p. 271).

1 A PULSÃO, ESSA OBSCURA FRONTEIRIÇA

“A teoria das pulsões é, por assim dizer, nossa mitologia. As pulsões são entidades míticas, magníficas em sua imprecisão.”

(Sigmund Freud)

O neologismo *metapsicologia* foi anunciado em uma correspondência a Fliess, datada de 13 de fevereiro de 1896, o que coloca um intervalo de quase 20 anos entre as primeiras aspirações de pensar uma psicologia para além da consciência e a publicação do conjunto planejado inicialmente com 12 textos, dos quais apenas

cinco vieram a público (GAY, 2007). A distância entre as duas datas demonstra que a ideia de distinguir a psicanálise da psicologia foi longamente trabalhada em Freud.

O contexto do surgimento da série metapsicológica é bastante conhecido: I Guerra Mundial, Viena sofrendo com consequências como proliferação de doenças, alto índice de mortalidade e escassez de toda ordem. O ritmo de atendimentos de Freud, que a esta época tinha 58 anos, fora drasticamente reduzido e lhe sobrava muito tempo livre. Simultaneamente, Adler e Jung, a essa altura já dissidentes, viajavam para os Estados Unidos para difundir sua visão muito peculiar da psicanálise, construída à revelia de Freud. Nesse momento, a grande arma que o fundador tinha em mãos era sua construção teórica, que parecia necessitar de proteção e ampla divulgação, colocando Freud a trabalhar com afincos em textos que teriam a função de delimitar o discurso e a prática da psicanálise em relação a outras modalidades terapêuticas (GAY, 2007; IANNINI, 2013).

A partir da união das perspectivas dinâmica, topográfica e econômica, a compreensão dos fenômenos da mente ganha nova complexidade, com ênfase para os conflitos oriundos do campo pulsional. Mais de cem anos depois, a metapsicologia ainda (ou cada vez mais) serve como sustentação para a teoria e para o exercício da psicanálise. A fim de reiterar a atualidade do texto freudiano, cabe citar a comparação sobre o aprendizado da música com o estudo da psicanálise. Da mesma maneira como as lições de Bach ainda hoje servem à formação de instrumentistas, tendo se constituído uma referência definitiva no ensino do pensar musical, a apreensão da teoria freudiana é condição fundamental para o complexo e sutil pensar psicanalítico (MEZAN, 2017). Assim, não parece ser demasiado enfático sugerir que o conhecimento da metapsicologia figura como patrimônio essencial para o sujeito na construção de um caminho autônomo em sua prática clínica.

O artigo sobre as pulsões, escrito em 1915c, firmou-se como o pontapé inicial da metapsicologia. Se escolhido por Freud para ser o ponto de partida, podemos crer que carrega consigo um caráter prévio aos demais. Iannini (2013) aponta nessa direção quando considera o referido texto como a porta de entrada no edifício da psicanálise, além de ressaltar pulsão e inconsciente como os dois conceitos fundamentais em psicanálise – este tributário daquele, o que tornaria

a compreensão da pulsão como uma espécie de prefácio e pré-requisito para os demais constructos. Neste texto, tentaremos jogar luz sobre as múltiplas facetas dessa obscura fronteira.

Diversos psicanalistas pontuaram as complexidades que cercam a tradução do vocábulo alemão *trieb*, o que acabou por acarretar certa celeuma em nosso meio, dadas as múltiplas versões que utilizam desde o termo *impulso*, oriundo de uma leitura francesa, até o famigerado *instinto*, opção rechaçada pela maioria dos leitores de Freud, mas ainda assim vigente em alguns trabalhos, como a coleção coordenada por Paulo César Souza para a Companhia das Letras (FREUD, 1915a). Nas duas traduções empreendidas diretamente do alemão que consultamos para construção deste trabalho, encontramos extensos comentários que justificam e contextualizam a escolha por *pulsão*, alguns dos quais nos pareceu importante mencionar, devido ao valor que podem acrescentar a este escrito.

Luiz Alberto Hanns (2004), um dos pioneiros na tradução das obras de Freud do alemão para o português, indica a dupla origem da palavra *trieb* como um dos motivos para abranger tantas possibilidades de transcrição, uma vez que o termo resulta da união de *trip* (o que impele) e *trift* (o que é impelido). Tal ambiguidade também fornece elementos para acessarmos as múltiplas conotações com que *trieb* é compreendida, como polo impelente ou atrator, algo interno ou externo, da ordem biológica ou cultural. Hanns (2004) assinala a noção de conceito de fronteira para lembrar que *trieb* é algo que emana da natureza, apoia-se no somático e adentra a vida psíquica e a esfera da linguagem, sendo capaz de se alterar profundamente sem jamais se desligar do corpo.

Pedro Tavares (2013), organizador das conceituadas *Obras incompletas de Freud*, destaca entre as maiores dificuldades da tradução a necessidade de levar em conta o substrato teórico que apoia a prática clínica da psicanálise, o que torna essa tarefa algo além de um exercício de substituição de uma palavra em língua estrangeira por outra com igual significado. Ao tradutor do texto freudiano, cabe também a função de intérprete do mesmo. Para *trieb*, que considera o termo mais polêmico de toda a obra, refere o desafio de conservar sua ambiguidade, mantendo-o no lugar de um conceito recoberto por enigmas – nem biológico, nem psicológico, mas um estrangeiro perene. Em suas palavras: “Freud trata, com

esse conceito limite ou fronteiroço, justamente de um corpo transformado pelo psíquico, pela cultura, pelo simbólico.” (TAVARES, 2013, p. 82).

Se indicamos as complexidades envolvendo a tradução do termo utilizado em alemão não é por outra razão que introduzir o leitor nos paradoxos daquilo que pretendemos abordar daqui para frente. Sendo a pulsão um conceito estritamente psicanalítico, não tem pertinência para o biológico. Avesa que é a qualquer noção desenvolvimentista, mantém a força indomável do instinto mas também é exatamente aquilo que se distingue dele. Contudo, é importante destacar que não pode ser desconectada do corpo, sendo ele sua origem. É precisamente este o ponto a nos causar inquietação: se a pulsão vem do corpo e este tem seu viço desbancado pelo passar do tempo, essa fonte poderia permanecer inalterada?

Retornemos ao original, Freud, para buscar em suas palavras uma definição tão precisa quanto possível. No já citado texto de 1915c, somos apresentados à ideia de pulsão como um estímulo ao psíquico cuja *fonte* provém do próprio organismo. É algo que brota de dentro, como um enigma, em busca de resolução – eis a *meta*, sempre a satisfação, ainda que de múltiplas maneiras. Somos alertados para o fato de que, diferentemente de um estímulo externo, que pode ser apaziguado com uma única ação adequada, a pulsão atua como uma força constante para a qual não há fuga possível, de vez que a *pressão* é um motor que não cessa, criando energia para a existência e o funcionamento do psiquismo. Por fim, chegamos ao *objeto*, o que há de mais cambiável e meio pelo qual a pulsão pode atingir sua meta.

De forma resumida, poderíamos explicar as pulsões como exigências corporais endereçadas à vida anímica, ou seja, representantes psíquicos das excitações corporais (e aqui parece importante salientar que este corpo está longe de ser apenas orgânico). Assim, a partir da constatação de que há a possibilidade de serem satisfeitas tanto por uma via somática quanto psíquica, a dimensão pulsional representa a possibilidade de superação da ordem biológica para outras experiências constitutivas do humano.

Atenta às especulações metapsicológicas, Goldfarb (1998) comenta sobre o paradoxo da pulsão: um impulso que se origina no corpo mas não é biológico, ao mesmo tempo que também não é somente psíquico, ainda que necessite represen-

tação, uma vez que jamais será encontrada em estado bruto. Contudo, afastarmos da biologia não implica nos distanciarmos do corpo; ao contrário, podemos dessa forma criar intimidade com o corpo erógeno – este, sim, objeto de interesse da psicanálise, atravessado pelo simbólico da linguagem, e que tanto se modifica com o envelhecer. Inegável apontar, portanto, que a fonte da pulsão dá sinais de esgotamento com o passar do tempo. Mas isso acarretaria um envelhecimento da própria pulsão? Há controvérsias!

Mucida (2018), por exemplo, é categórica ao afirmar que o sujeito não envelhece, pois compreende por sujeito o próprio inconsciente, este que é atemporal e constituído por traços de experiências vividas, sentidas, imaginadas e traduzidas de um modo muito peculiar para cada indivíduo. A autora entende a velhice, tal qual existente no imaginário popular, como resultado do discurso do outro, uma vez que desejo e libido não se gastam com o passar do tempo, ainda que necessitem de novas formas de se inscrever na vida. Justamente por isso, destaca a não existência de uma velhice natural, decorrente de um movimento que levaria ao desinvestimento, apostando na singularidade de cada destino a despeito de um corpo que se modifica, com diminuição de funções orgânicas.

Retomando a clínica e um de nossos conceitos fundamentais, a transferência, saliento que estar diante de uma pessoa em idade bastante avançada não diminuiu em nada o vigor de nossos encontros, permeados por constante curiosidade, alguns impasses e muitas fantasias acerca de minha pessoa. Não raro, surgiam perguntas sobre minha idade, estado civil, destino de férias. Em todas as sessões, ouvia opiniões sobre minhas vestimentas, inclusive quando eventualmente eram de desaprovação. Duas vezes por ano, em datas comemorativas, recebia presentes. Inicialmente itens discretos e mais genéricos, com o tempo passaram a ser mais pessoais e indicativos das intensidades que circulavam entre nós. Mais recentemente, minha gravidez trouxe um trabalho extra a esse processo de análise, inspirando cuidados para comigo e com o bebê, de quem se sentia ora avó, ora irmã. Se a transferência é também indicativa do percurso pulsional do sujeito, sua vivacidade nos direciona a acreditar que a pulsão, de fato, não tem idade.

Pensemos então no corpo como mediador entre o sujeito e o mundo e desmembramos os componentes da pulsão. Falávamos anteriormente em seu dina-

mismo característico, fator que passaria ao largo do envelhecer, propulsor que é da própria existência de um psiquismo. Também o objeto da pulsão estaria livre dessa consequência, pois, sendo ajustável às mudanças corporais, pode ser alterado tantas vezes quanto necessário. Recordemos a situação de transferência acima exposta, que elucida como a diferença de idade entre minha analisanda e eu não me colocava necessariamente no lugar mais óbvio, que seria de sua neta, por exemplo. Muito antes pelo contrário, mais frequentemente figurei como amiga ou rival, como se os 60 anos que nos separavam fossem insignificantes (com efeito, sabemos que, para a atemporalidade do inconsciente, realmente o são).

Talvez o fator mais controverso em toda essa elaboração teórica refira-se à fonte da pulsão. Inegável que a máquina corporal dá sinais de desgaste, gerando descompasso entre corpo e psiquismo. Le Gouès (2001) resolve esse impasse propondo a existência de uma genitalidade corporal, condenada a envelhecer, em contraponto à genitalidade psíquica, impassível diante da passagem do tempo. Podemos dizer, portanto, que fonte e meta jamais se tornam obsoletas. Como bem cantam em seu clássico os Rolling Stones (1965): *I can't get no satisfaction (but I try, and I try, and I try...)*³.

2 A PULSÃO NÃO ENVELHECE (UM DIÁLOGO)

A essa altura o leitor já compreendeu que temos uma posição muito clara, a de que a pulsão não acompanha o corpo no processo de envelhecimento, permanecendo como fonte inesgotável de necessidade de satisfação. Diante do que foi exposto, pode-se depreender que biologia e tempo cronológico são quase banais para o sujeito da psicanálise, ficando de fora de seu interesse. De certa forma, é isso mesmo. Mas gostaríamos de tentar conciliar essa suposta divisão. Ao lançarmos mão do paradigma pulsional para pensar o envelhecimento, nos colocamos junto de Christian Dunker (2013), que afirma que os conceitos de pulsão e inconsciente estão para a psicanálise como a anatomia e a fisiologia para a medicina.

3 Em tradução livre: eu não consigo me satisfazer, mas eu tento, e eu tento, e eu tento...

Tais proposições acarretariam considerar o humano um ser fora do tempo, desprezando quão organizador é o esquema composto por horas, dias, meses, anos...? Bem, nesse caso “desprezar” não seria a melhor palavra. Em nossos estudos, falamos sobre memória, consideramos o tempo da repetição, do trauma, do recalçamento. Contudo, é de domínio público que trabalhamos com a ideia de um inconsciente atemporal. Poderíamos dizer, então, que a psicanálise concebe uma relação subjetiva com o tempo.

Voltando ao tempo cronológico, esse que é mais familiar para a maioria das pessoas, nos deparamos com uma provocação. Como seria possível a um analista trabalhar, senão contando os minutos do relógio para determinar o tempo de sessão, por exemplo? Até poderíamos evocar o tempo lógico proposto por Lacan, que parece ser uma ideia, no mínimo, interessante, mas aí estaríamos desviando do foco deste trabalho. Importante, então, esclarecer que a psicanálise jamais propôs um desencontro com o tempo.

“Não? diria alguém questionador. Acaso não estão até agora defendendo uma posição de anarquia em relação ao tempo, desconsiderando que ele baliza nossa relação com o outro?” Não restam dúvidas de que o homem é um ser no tempo, cuja vida se passa dentro do limite entre o nascimento e a morte. Mas uma certa dose de anacronia cai bem, não sejamos escravos dos cronômetros. Recorremos a um ensaio que fala sobre isso; chama-se *A pulsão anarquista*, de Nathalie Zaltzman (1993). A autora usa esse adjetivo para se referir a uma das formas de expressão da pulsão de morte. Mas não tínhamos falado de pulsão de morte neste ensaio, não é mesmo? Caminhávamos pela primeira tópica, mas Zaltzman associa a pulsão de morte a eclosões somáticas e isso fez pensar em nossos velhos e em seus corpos transtornados.

Seria então essa pulsão a explicação para o fato de que grande parte da população idosa perca habilidades como atenção, concentração, memória, além de demonstrar pouco desejo de interação, como se houvesse uma retração libidinal considerável? Possivelmente. De forma bastante superficial, podemos dizer que é como se houvesse uma espécie de gastura na mescla entre as duas pulsões, de vida e de morte, e a segunda se sobressaísse, inclinando o sujeito ao desligamento de atividades que outrora compunham seu eu. Contudo, isso pode ter mais a ver

com um movimento pulsional interno do que com envelhecer. Mucida (2018) usa o exemplo do próprio Freud, cuja entrada na velhice⁴ coincide com um acúmulo de golpes narcísicos, como a perda da filha Sophie, a descoberta do câncer e a morte do netinho.

Podemos então afirmar que o que faz o sujeito sofrer não é a passagem do tempo, mas a perda de ideais, mais ou menos como exposto em “Luto e melancolia” (FREUD, 1917)? De fato, embora não seja possível evitar os efeitos da passagem do tempo, percebemos que quanto mais voltada para o exterior a libido estiver, mais encontraremos aqueles velhos aos quais adjetivamos jovens. Henri Bianchi (1993) nos fala sobre a capacidade de manter um fluxo de investimentos fora do eu como uma forma de evitar o envelhecimento psíquico, sendo esse o grande diferencial para se qualificar o processo de envelhecimento de cada um. Mas, por falar novamente em tempo, que é a temática deste escrito e desta Revista, estamos chegando ao fim desta comunicação. Invocando Freud, de vez que nomeia a psicanálise de peste e que está sempre a falar de nossos demônios, encerramos com um gracejo, dito popular que reverbera a força desse pulsional que tentamos deixar aqui exposto: “o diabo sabe mais por velho do que por diabo”.

REFERÊNCIAS

BIANCHI, H. **O eu e o tempo**: psicanálise do tempo e do envelhecimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1993.

DUNKER, C. I. L. Uma gramática para a clínica psicanalítica. *In*: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1905 [1904]). Sobre a psicoterapia. *In*: FREUD, S. **Fundamentos da clínica psicanalítica**. Tradução Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 6).

4 Em comunicação a Ferenczi, Freud afirma ter entrado na velhice aos 65 anos – idade que estava muito além da expectativa de vida para sua época e dos próprios limites estabelecidos por ele para intervenções psicanalíticas eficazes.

FREUD, S. (1915a). Os instintos e seus destinos. *In*: FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)**. Tradução Paulo Cesar de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).

FREUD, S. (1915b). As pulsões e seus destinos. *In*: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Tradução Pedro Heliodoro Tavares. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).

FREUD, S. (1915c). Pulsões e destinos da pulsão. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

FREUD, S. (1917). Luto e melancolia. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Tradução Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 2).

GAY, P. **Freud: uma vida para nosso tempo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GOLDFARB, D. C. **Corpo, tempo e envelhecimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

HANNS, L. A. (coord.). Comentários do editor brasileiro. *In*: FREUD, S. **Escritos sobre a psicologia do inconsciente**. Rio de Janeiro: Imago, 2004. (Obras psicológicas de Sigmund Freud, 1).

IANNINI, G. Epistemologia da pulsão: fantasia, ciência, mito. *In*: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).

(I CAN'T get no) satisfaction. Intérprete: The Rolling Stones. Compositores: Mick Jagger e Keith Richards. *In*: OUT of our hands. Intérprete: The Rolling Stones. [S.l.: s.n.], 1965.

JUNKERS, G. (org). **The empty couch: the taboo of ageing and retirement in psychoanalysis**. London: Routledge, 2013.

LE GOUËS, G. La psychanalyse tardie. **Vellissement**: Champs Psychosomatique. Paris, n. 24, p. 45-55, 2001.

LIMA, J. L. Panela velha ainda faz comida boa? Sobre técnica psicanalítica e análise de velhos. **Constructo**: Revista de Psicanálise, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p. 230-241, ago. 2016.

LIMA, J. L.; LEÁES, M. L. “A gente mal nasce, começa a morrer”: é possível falar de uma clínica do envelhecimento? *In*: CENTRO DE ESTUDOS PSICANALÍTICOS DE PORTO ALEGRE. **Para uma introdução ao narcisismo**: reflexos e reflexões. Porto Alegre: IPSDP, 2014.

MEZAN, R. Freud na veia, hoje e amanhã. *In*: KUPERMANN, D. (org.) **Por que Freud hoje?** São Paulo: Zagodoni, 2017.

MUCIDA, A. **O sujeito não envelhece**: psicanálise e velhice. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

TAVARES, P. H. Sobre a tradução do vocábulo trieb. *In*: FREUD, S. **As pulsões e seus destinos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. (Obras incompletas de Sigmund Freud, 2).

ZALTZMAN, N. **A pulsão anarquista**. São Paulo: Escuta, 1993.